



ESTUDO SOBRE O SENSO RELIGIOSO DE HOMENS JUDEUS GAYS NÃO AFILIADOS¹

A study on the religiosity of unaffiliated gay Jewish men in Brazil

José Flávio Nogueira Guimarães²

Resumo: A homossexualidade ainda é um tabu em grande parte das comunidades judaicas. O que ainda prevalece hoje é uma opção pela diversidade, mas não uma aceitação da diferença. Nesta comunicação procuraremos tomar os contemporâneos estudos da homossexualidade e os estudos de gênero e religião para compreender o senso religioso de homens *gays* não afiliados e assim identificar possíveis características sobre as razões que levaram à ruptura de vínculo com sua religião de origem. A investigação parte de uma abordagem qualitativa, já que se abre a uma perspectiva dos estudos de gênero e religião, constituindo-se como uma análise que insere e contempla a cultura. Quase todos os participantes da pesquisa de campo ao rejeitarem o preconceito com a homossexualidade por parte da religião, acabam rejeitando também o próprio judaísmo, ao passo que outros retornam devido à existência de grupos judaicos de acolhimento aos LGBTQIA+.

Palavras-chave: Judeus. Gays. Não afiliados. Ciência da Religião.

Abstract: Homosexuality is still taboo in most Jewish communities. What still prevails today is an option for diversity, but not an acceptance of difference. In this paper we will try to take contemporary studies of homosexuality and studies of gender and religion to understand the religiosity of unaffiliated gay men and thus identify possible characteristics about the reasons that led to the rupture of the bond with their religion of origin. The investigation starts from a qualitative approach, since it opens up to a perspective of gender and religious studies, constituting itself as an analysis that inserts and contemplates culture. Almost all participants in the field research, when rejecting prejudice against homosexuality on the part of religion, end up also rejecting Judaism itself, while others return due to the existence of Jewish organizations that welcome LGBTQIA+ people.

Keywords: Jews. Gays. Unaffiliated. Religious Studies.

¹ Trabalho sob orientação do Prof. Flávio Senra, pesquisa vinculada à tese “Judaísmo e Homossexualidade: Estudo sobre o Senso Religioso de homens *gays* não afiliados”, como parte integrante do processo formativo no curso de doutorado em Ciências da Religião na PUC Minas.

² Aluno bolsista da SMC/PUC Minas. Doutorando em Ciências da Religião na PUC Minas. E-mail: joseflaviong@icloud.com



INTRODUÇÃO

O que averiguo com a minha pesquisa de campo é como vivem esses judeus gays não afiliados com crença ou sem crença. Mantêm algum ritual religioso em casa ou no seu dia a dia? Por que deixaram de frequentar a sinagoga ou até mesmo a comunidade judaica de origem? Consideram impossível conciliar sua orientação sexual com o judaísmo?

Primeiro delinheio o tema a ser abordado, a homossexualidade e suas dinâmicas no judaísmo. Logo em seguida apresento dados da minha pesquisa de campo: número de colaboradores e suas origens, sinagoga e tradição, idade, processo de saída do armário, hábitos religiosos em casa, e finalmente o conceito de moral e tradição judaica.

Concluimos que mudanças estão acontecendo rapidamente nos últimos meses e que, portanto, jamais podemos perder a esperança em dias melhores, sem preconceito, homofobia e com aceitação da diferença.

DO TEMA

A homossexualidade ainda é um tabu em grande parte das comunidades judaicas. Apesar de uma tentativa antiga por parte das comunidades liberais americanas de aceitação de casais formados por pessoas do mesmo sexo, o que ainda prevalece hoje é uma opção pela diversidade, mas não uma aceitação da diferença.

O que é proposto não é a quebra de nenhum paradigma moral ou religioso. Trata-se de tomar os contemporâneos estudos da homossexualidade assim como os estudos de gênero e religião para compreender o senso religioso de homens gays não afiliados e assim buscar a razão da perda de vínculo com sua religião de origem. A pesquisa é de grande relevância para mim, pois além de judeu também sou homossexual.



Com o surgimento de grupos judaicos LGBTQIA+, digo o Hineni, da FISESP (Federação Israelita do estado de São Paulo) e o MOV.LGBTQIA+ da CIP (Congregação Israelita Paulista), além dos internacionais Gaavah e Moishe House; os colaboradores da pesquisa de campo vislumbram alguma possibilidade de retorno à suas comunidades e até mesmo às suas sinagogas de origem? Tudo isso é parte do *corpus* da minha pesquisa, refere-se ainda à coleta de dados que foi realizada através de questionários do *Google Forms*, resultados que apresento logo abaixo.

O judaísmo apesar de se opor à homossexualidade, é uma religião constantemente “renovada”, e não reformada, como costumava dizer, conforme afirma o Rabino Ben Shefter, liberal ortodoxo, capelão na Universidade *McMaster*, em Hamilton, Ontário, Canadá, pois, apesar de ter um cânone fechado, o *Tanach* ou Bíblia Hebraica, existem os Talmudes, ou *Talmudim*, em hebraico, da Palestina e da Babilônia, que fazem extensos comentários sobre os mais diversos assuntos e as contemporâneas *responsa* rabínicas que versam sobre as mais variadas e polêmicas questões. Ou seja, pouco está cristalizado nessa religião. Qualquer assertiva está sujeita a opiniões diferentes e contrárias ao pensamento prevalente. Segundo Goldberg e Rayner,

Isso significa que a elucidação da vontade de Deus deve, agora, ser direcionada de outro modo: aplicando-se a inteligência humana aos dados já fornecidos por Deus, às indicações já contidas nas Escrituras e às antigas tradições orais e, mesmo, se necessário, pela democrática decisão da maioria de professores autorizados.³

Vejo essa transformação em andamento na comunidade judaica brasileira; e em rápido giro de ocorrência. Conforme a tradição descrita acima, os atuais professores, ou seja, rabinos, e demais lideranças, decidem sobre novas e mais atuais interpretações das antigas Escrituras.

³ GOLDBERG, David J.; RAYNER, John D. **Os Judeus e o Judaísmo**. Rio de Janeiro: Xenon, 1998. p. 324.



Desse modo, não apenas o tema é de grande relevância, assim como a pesquisa é pioneira e inédita no país. Jamais houve pesquisa desse porte, com tantos colaboradores, em língua portuguesa.

DA PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo teve a participação de 20 colaboradores, sendo 13 da cidade de São Paulo, dois do Rio de Janeiro, dois de Belo Horizonte, um de Porto Alegre, um de Rio Grande, Rio Grande do Sul, e um de Florianópolis. Todos são declaradamente homens judeus *gays* não afiliados que foram contatados através dos grupos judaicos LGBTQIA+ mencionados acima e responderam um questionário através do *Google Forms*. Dos 20 respondentes, seis são de tradição ortodoxa ou ultraortodoxa, sendo os demais 13 de tradição liberal, conservadora ou reformista. Esclarecendo que os conservadores fazem parte da tradição liberal apesar de não serem tão vanguardistas quanto os reformistas.

No quesito *sinagoga e sua tradição*, dos seis respondentes ortodoxos, quatro nos apresentam sua religião como algo maçante, “pesada” no sentido de ser impossível de ser praticada, e ainda preconceituosa, pois parece exigir um código de vestimenta para os serviços religiosos ou reza; além de hermética, “ortodoxa”, evidentemente, “heteronormativa”, “cisgênera” e “branca”. Os demais liberais não nos fornecem muitas informações, mas declaram que sempre se sentiam bem nos serviços religiosos; que nunca houve nada que os incomodassem. Diante do exposto, fica evidente que a tradição ortodoxa impõe sobre essas pessoas uma repressão, castração e opressão; já que elas não podem ser quem de fato são, não podem vestir-se como querem, e precisam seguir um padrão sexual que não é o adequado para elas. Daí o sentimento relatado de sentir-se “anormal”, certo “incômodo”, “desconforto”, e ainda a sensação de estar num “semi armário”.

A idade dos respondentes parece ser uma informação de grande relevância. O espectro da idade dos colaboradores tem uma variação bem grande. As idades



variam de 22 anos, o mais jovem, até 69 anos, o mais velho. Apenas 03 têm menos de 30 anos. Com exceção do que tem 69 anos, e o mais jovem de 22 anos, o restante tem entre 26 e 55 anos. A idade interfere nas respostas dos questionários? Com certeza. Apenas para efeito de ilustração, usaremos os dois extremos. O mais maduro, Janek, afirma nunca ter saído do armário e não ter sofrido nenhum tipo de repressão na sua sinagoga ortodoxa quando jovem. Conseqüentemente, aparentemente, não houve sofrimento. Será?! Tampouco castração. Será?! Não é surpresa! Adequou-se ao padrão da sociedade e por isso nunca teve conflitos conforme relatado; o que deixa dúvidas. Do lado oposto, o mais jovem, Zuki Zagury, de tradição ultraortodoxa, duas gerações mais jovem, já ousou enfrentar o seu *shul*, ou sinagoga; saiu do armário, postou fotos com seu namorado nas redes sociais e escandalizou sua comunidade.

Quanto ao *processo de saída do armário*, a judia americana Eve Sedgwick na sua obra *A Epistemologia do Armário*, afirma que “o armário é a estrutura definidora da opressão *gay* no século XX.”⁴ Não creio que nossos contrastes devam ser feitos apenas entre ortodoxos e liberais. O conservadorismo da família também deve ser levado em conta. Blay, um dos respondentes, exemplifica o caso de conservadorismo da família; daí a dificuldade com o processo de saída do armário. Não houve interferências negativas vindas da sinagoga, mas ocorreu *bullying* na escola judaica; assim como ocorre em escolas de outras tradições religiosas e ainda em escolas seculares. Já o grupo judaico juvenil *Chazit* o acolheu. Todavia não podemos negar que o fardo, o peso do processo, é bem maior quando se trata de alguém que vem de uma tradição ortodoxa. O respondente Zuki Zagury, ultraortodoxo, afirma a existência da homofobia nesse meio apesar de entendê-los e não culpá-los com algum tipo de rancor. Janek nunca saiu do armário, por isso nunca teve sofrimentos por adequar-se as normas impostas pela sociedade. Já Felipe Kaizer tem um padrão homossexual bem diferente do Janek; ambos de tradição ortodoxa. Não faz questão nenhuma de

⁴ SEDGWICK, Eve Kosofsky. *A Epistemologia do Armário*. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. p. 26. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>.



adequar-se a padrões impostos por qualquer quem seja. É alternativo, tem cabelos longos, e por isso sofreu com piadinhas feitas por certo rabino que o incomodou muito. Evidente exemplo de homossexualidades, e não homossexualidade, como afirma Trevisan⁵. Tivemos dez colaboradores que foram acolhidos no seu processo de saída do armário e dez que não foram acolhidos. Para efeito de categorização nessa análise foi priorizado o acolhimento da família. Houve casos de não acolhimento na família, no entanto foram acolhidos pelo rabino e comunidade judaica. Cito, como ilustração, os respondentes Ariel e Rico. Houve também palavras que foram recorrentes na narrativa do processo de não acolhimento dos participantes, como “lento”, “difícil” e “conturbado”. Assim como, na narrativa do processo de acolhimento, a palavra “tranquilo” foi recorrente.

De todos os 20 colaboradores, 30%, ou seis, não possuem nenhum *hábito religioso em casa*; sendo o primeiro deles, Blay, de tradição liberal, e Zuki Zagury de tradição ultraortodoxa, com um passado bem religioso: ele estudou em uma *Yeshivá* em Israel! Os demais comemoram festas judaicas, “*Shabats*”, ou *Shabatot*, fazem *chalá* (Um pão trançado, similar a rosca, geralmente consumido aos sábados.), rezam e recitam *brachot*, ou bênçãos. Dois dos participantes, ainda, leem a *parashá* da semana, ou porção semanal da Torá. Muitos buscam uma conexão não com a religião, mas com a etnia de um povo e sua cultura que muitas vezes situa-se numa zona híbrida com a religião.

A subjetividade do *conceito de moral e tradição judaica* está presente em oito das falas dos 20 participantes. Eles consideram os conceitos subjetivos, abertos às reinvenções e múltiplas formas de vivências; o que é considerado por Gabriel como algo reconfortante. Apenas Janek, Ytszhak, Nunan, Gad, Leonardo Koroth e Diógenes não apresentam conflitos ou embates com a moral e tradição judaica; ou seja, apresentam um conceito pacífico e de aceitação. Ytszhak Schakhaf elogia ambos os conceitos de forma abstrata e rasa. O colaborador ultraortodoxo, Zuki

⁵ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.



Zagury, acredita que o judaísmo foi deturpado pelos humanos e muitos livros sagrados foram perdidos; daí a dificuldade da realização de uma vida judaica plena. André Schusterman Jounot, Rafael Kasinski, Rodolpho Silva de Oliveira, Renato Ber, Moti Alvim e Daniel apresentam algum tipo de conflito, ainda que parcial, com a moral e tradição judaica. Ariel afirma não conseguir responder essa pergunta, “o que você pensa da moral e tradição judaica?”, por ser muito ampla. Rafael Kasinski considera parte dessa moral e tradição obsoleta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que quase todos os participantes ao rejeitarem o preconceito com a homossexualidade por parte da religião judaica, assim como o machismo, a heteronormatividade, a heterossexualidade compulsória e o desejo de sempre se passarem por brancos, acabam rejeitando também a religião judaica; muitos apenas por algum tempo, até se darem conta do que acontecia. Atualmente, devido a existência de alguns grupos judaicos de acolhimento aos LGBTQIA+, assim como sinagogas declaradamente abertas e que acolhem essa minoria (Na cidade de São Paulo, cito Comunidade *Shalom*, CIP e *Beth-El.*), ocorre o retorno de alguns. Outros ainda se encontram em conflito. Não só a FISESP (Federação Israelita do Estado de São Paulo), com a criação do Hineni, mas a própria CONIB (Confederação Israelita do Brasil), tem mostrado certa abertura e preocupação com os LGBTQIA+. Parece então que essa engrenagem de reparação começa a rodar lentamente, mas insistentemente. O movimento liberal, mundialmente, tanto Conservador quanto Reformista, declara estar aberto a acolher essa minoria. Não estou tão certo se todas as comunidades estão tão prontas a fazer isso. É fato que existe um conflito dentro da comunidade judaica já que a preocupação maior da Bíblia Hebraica é com a ética, com o que você faz.

Quanto a questão desses judeus gays não afiliados conciliarem o judaísmo com sua orientação sexual, 50% deles têm pouca ligação ou nenhuma com a



comunidade judaica e 30% não tem nenhum hábito religioso, e a grande maioria tem poucos hábitos religiosos. A maioria mostra ter alguma crença. Um declarou-se ateu. Portanto, não existe realmente uma situação de conflito para esses. Dos 20, apenas seis apresentam um quadro de conflito parcial com a moral e tradição judaica. Como observamos, a ligação maior dos colaboradores é com uma tradição cultural étnica, mais do que com uma religião.

A perda de vínculo com a comunidade ou religião não está vinculada a orientação sexual na maior parte dos casos. Contudo, alguns se afastaram por falta de aceitação e acolhimento, em especial os de tradição ortodoxa.

Por outro lado, é algo realmente questionável, a tolerância, o acolhimento, e a aceitação da diferença esperada das ditas sinagogas liberais, sejam reformistas ou conservadoras, quanto à homossexualidade e aos LGBTQIA+ em geral. Parece que a praxe desses movimentos diverge consideravelmente do discurso teórico que apresentam formalmente. A única sinagoga no Brasil que provou ter um discurso alinhado e conivente com sua práxis é a Comunidade *Shalom* de São Paulo que realizou dentro da sua sinagoga um casamento homoafetivo. Podemos também, agora, incluir a CIP, também de São Paulo, que no dia 16 de junho de 2023 realizou o primeiro *Cabalat Shabat* do Orgulho LGBTQIA+ do Brasil. Evento inédito.

Entendo então que a engrenagem das mudanças começa a girar, agora, mais rapidamente. O *Gaavah*, acaba de abrir um braço em Belo Horizonte (abril de 2023). O *Gaavah* atualmente possui 7 *snifim* (núcleos): Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte, Manaus, São Paulo, Rio de Janeiro e o *Snif* Paraná/Santa Catarina.

O rabino Adrián Gottfried, da Comunidade *Shalom*, em São Paulo, em evento intitulado *Abraham Joshua Heschel – 50 anos sem o último dos profetas*, promovido pelo Labô da PUC São Paulo, no dia 07 de fevereiro de 2023, afirma que Heschel dizia que se desesperar é proibido. O mal (nesse caso, o preconceito, a homofobia e a não aceitação da diferença) nunca é o final da ação. É necessário ter esperança.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



REFERÊNCIAS

GOLDBERG, David J.; RAYNER, John D. **Os Judeus e o Judaísmo**. Rio de Janeiro: Xenon, 1998.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.